



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
CURSO EM BACHARELADO EM MUSEOLOGIA**

ANDREY MANOEL LEÃO DE LEÃO

**TEORIA MUSEOLÓGICA APLICADA A ACERVOS
PARTICULARES:
O CASO DAS FAMÍLIAS DA CHACINA DE BELÉM.**

BELÉM – PARÁ

2018

Andrey Manoel Leão de Leão

**TEORIA MUSEOLÓGICA APLICADA A ACERVOS
PARTICULARES:
O CASO DAS FAMÍLIAS DA CHACINA DE BELÉM.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para
obtenção do grau de Bacharel em Museologia.
Faculdade de Artes visuais. Universidade Federal
do Pará.

Área de Concentração:

Orientador: Hugo Menezes Neto.

BELÉM-PARÁ

2018

Andrey Manoel Leão de Leão

TEORIA MUSEOLÓGICA APLICADA A ACERVOS

PARTICULARES:

O CASO DAS FAMÍLIAS DA CHACINA DE BELÉM.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para
obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Faculdade de Artes visuais.

Universidade Federal do Pará.

Área de Concentração:

Orientador: Hugo Menezes Neto.

Data de Aprovação:

Banca Examinadora:

Membro
Titulação
Instituição

Membro
Titulação
Instituição

Membro
Titulação
Instituição

**Dedico a Manoel Deusimar Mendes Leão,
meu pai.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a meus amigos e amigas de turma que estiveram comigo durante essa jornada museológica.

Aos amigos e amigas que fiz na Faculdade de Artes Visuais durante esses 4 anos.

A todos os professores que me ajudaram durante a minha trajetória na Faculdade de Artes Visuais, em especial aos professores de Museologia que me proporcionaram uma ótima graduação.

A todos os técnicos da Faculdade de Artes Visuais, em especial ao senhor Jorge Ohashi, secretário do curso de Museologia que me emprestava o carregador.

Ao professor Hugo Menezes por ser meu mentor durante o tempo que trabalhamos juntos.

Aos meus irmãos e irmãs que são meus exemplos de vida.

E por fim,

Agradeço a minha mãe por tudo e mais um pouco.

“Parte do problema da vida política contemporânea é que nem todo mundo conta como sujeito. O multiculturalismo tende a pressupor comunidades já constituídas, sujeitos já estabelecidos, quando o que está em jogo são comunidades não exatamente reconhecidas como tais, sujeitos que estão vivos, mas que ainda não são considerados ‘vidas’.”

(Judith Butler)

Resumo: A pesquisa interessou-se em discutir teoria museológica para além dos muros de instituições como os museus. Refletindo sobre aquisição, salvaguarda, exposição, e teoria dos objetos, buscou-se analisar a construção de acervos particulares constituídos de objetos que pertenceram a familiares mortos. Baseado nisso, fez-se um recorte e foram escolhidas mortes em eventos críticos, no caso, ligados a violência urbana. Selecionou-se vítimas do caso conhecido como Chacina de Belém, evento ocorrido em Novembro de 2014, tendo como resultado a morte de 10 pessoas.

Com a ajuda do grupo Tela Firme, grupo militante do bairro da Terra Firme, foram contactadas 4 das 10 famílias vítimas da Chacina. As entrevistas ocorreram nas casas dos entrevistados e foram gravadas pelo Núcleo de Experimentações Cinematográficas do curso de Cinema da UFPa. As perguntas feitas nas entrevistas visavam saber sobre como se deu a constituição desses acervos. O que foi guardado? Por que foi guardado? Como está guardado? Onde está guardado? Quando é acessado? Como é exposto? E outras questões.

Palavras-chave: Museologia; Chacina de Belém; Musealização.

Abstract: The research was interested in discussing museological theory beyond the walls of institutions such as museums. Reflecting on the acquisition, safeguarding, exhibition, and object theory, we sought to analyze a construction of private collections made up of objects that belonged to dead relatives. Based on this, it made a cut-off and exits deaths choices in critical events, in this case, linked to urban violence. Victims of the case known as Chacina de Belém were selected, an event that occurred in November 2014, resulting in a death of 10 people.

With the help of the Tela Firme group, a militant group in the neighborhood of Terra Firme, four of the 10 families that were victims of the Chacina were contacted. As interviewees, they lived in the homes of the interviewees and were recorded by the Cinematographic Experiments Nucleus of the UFPa Cinema course. Questions about the interviews focused on how the collections were formed. What did I keep? Why was it saved? How is it stored? Where is it stored? When is it accessed? How is it exposed? And other issues.

Keywords: Museology; Chacina de Belém; Musealization.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. APRESENTANDO AS FAMÍLIAS E OS OBJETOS	10
2.1. Entrevista com Vanda (Irmã da vítima) e David (Cunhado da Vítima)	10
2.2. Entrevista com Meire (tia da vítima) e Andréia (Madrasta da vítima)	13
2.3. Entrevista com dona Auxiliadora (Avó da vítima)	15
2.4. Entrevista com Suzana (Mãe da Vítima)	17
3. REFLEXÕES MUSEOLÓGICAS ACERCA DE UMA ESPÉCIE DE MUSEALIZAÇÃO	21
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
5. REFERÊNCIAS	26

TEORIA MUSEOLÓGICA APLICADA À ACERVOS PARTICULARES: O CASO DAS FAMÍLIAS DA CHACINA DE BELÉM.

Andrey Leão¹

Hugo Menezes Neto²

INTRODUÇÃO

No dia 4 de novembro de 2014, o Policial Militar afastado de seu cargo Antônio Marco da Silva Figueiredo, conhecido por Cabo Pet pelos companheiros, foi abordado por volta das 19 horas perto de sua casa, no bairro do Guamá, por três homens que o alvejaram com 30 tiros. Logo após o acontecido, que resultou na morte do cabo, mensagens em redes sociais como o Facebook, Twitter e Whatsapp(mensagens de áudio), começaram a circular convocando outros policiais para vingar a morte. Para tanto, ordenaram toque de recolher nas ruas e executaram sumariamente 10 jovens em diferentes bairros da periferia da cidade. As ações decorrentes de tais fatos ficaram conhecidas como Chacina de Belém³.

A Chacina de Belém começou na noite do dia 4, logo depois da circulação das mensagens, e se estendeu entre a madrugada até a manhã do dia 5. Pessoas encapuzadas em motos, carros de cor preta e prata circulavam amedrontando e atirando em jovens do sexo masculino que aleatoriamente encontraram no caminho. O evento contabilizou 11 mortes no total (incluindo a do cabo). Quem não estava na rua, ou conseguiu correr, escapou da morte: “Eles chegaram atirando. Muitos que estavam no churrasco correram para dentro de sua casa que estava próxima. Ele resolveu correr pra casa do meu filho, também era perto, só que eles acabaram seguindo ele, atirando” (Vanda).

Apesar de ter ocorrido nas periferias de Belém, notícias e boatos foram recebidos por meio de redes sociais aos moradores de toda a cidade, fazendo com que a totalidade e gravidade do evento afetassem grande parte da população⁴. Muito se falava sobre o envolvimento do Cabo Pet em grupos de milícias cuja atuação nas comunidades mais pobres é conhecida na cidade. Com pressão dos movimentos sociais que encamparam uma campanha

1 Graduando em Museologia pela UFPA. Bolsista PIBIC no Projeto “Patrimônios afetivos e acervos familiares: reflexões antro-museológicas sobre morte, luto e objetos”.

2 Professor do Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco. Professor do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará. Coordenador do projeto “Patrimônios afetivos e acervos familiares: reflexões antro-museológicas sobre morte, luto e objetos”.

3 (LOUREIRO; FERREIRA JUNIOR; COSTA, 2015)

4 Dados da CPI das Milícias.

junto com os familiares das vítimas, foi instaurada a CPI das milícias. No relatório sobre a Chacina foi confirmada a existência de cinco grupos de milícias que atuam no estado do Pará, sendo o cabo Pet líder de uma delas. Também foi confirmada na CPI que nenhuma vítima teve envolvimento com a morte do Cabo. Conforme consta no relatório:

A instauração da Comissão Parlamentar de Inquérito que apura a atuação de milícias e grupos de extermínio no Estado do Pará, é fruto da indignação da Sociedade Paraense ante aos acontecimentos que sucederam ao homicídio do Policial Militar afastado de suas funções CB PM Antônio Marco da Silva Figueiredo, conhecido por Cabo PET, morto em emboscada no bairro do Guamá, com 20 tiros, às 19h do dia 04 de novembro, desencadeando uma madrugada de matança indiscriminada, que deixou o saldo de 11 (onze) corpos na manhã do dia 05 de dezembro. (PARÁ, 2015)

Durante a manifestação de 1 ano da Chacina (ato que fez uma grande passeata na Avenida de Magalhães Barata, com saída da Praça do Centro Arquitetônico de Nazaré, terminando no Mercado de São Brás), na qual estivemos presente, uma mãe estava com a farda de trabalho do filho em mãos quando uma repórter local a chamou para fazer uma entrevista; a mãe balançava a farda do filho e chorava ao mesmo tempo, falando que ele era inocente e trabalhador. Naquele momento aquela farda estava exposta, e representava para a mãe a prova de tudo o que dizia. A partir de exemplos como esse, o artigo visou investigar como famílias que perderam seus filhos lidam com os objetos que pertenciam a esses entes queridos e como a Chacina interfere na constituição dos seus acervos familiares.

Nos baseamos nas ideias de Stránký de que a Museologia tem como problemas básicos identificar e analisar a relação individual e/ou coletivo do homem com a realidade (STRÁNSKÝ, 1980 apud DESVALÉES, André; MAIRESSE, François, 2010), de Gregorová que ressalta que essa relação, homem-realidade, resulta na coleção e na conservação conscientes e sistemáticas e na utilização científica, cultural e educativa de objetos inanimados, materiais, móveis (sobretudo tridimensionais) que documentam o desenvolvimento da natureza e da sociedade (GREGOROVÁ, 1980), na ideia de Gonçalves, de que o estudo da relação humanidade-patrimônio, o estudo dos usos, das transformações e deslocamento que os objetos fazem em contextos sociais, cerimoniais, institucionais e discursivos, ajuda compreender a própria dinâmica da vida social e cultural, seus conflitos, ambiguidades e paradoxos, assim como seus efeitos na subjetividade individual e coletiva (GOLÇAVES, 2007), e que por isso, por fim, na ideia de Brulon, de que a museologia estuda as performances feitas pelas pessoas com seus objetos, patrimônios, com intuito de gerar ressonância e como isso é recebido por outros indivíduos (BRULON, 2014).

Para isso, a pesquisa lançou mão de estratégias metodológicas da Antropologia para produção de dados e análise. Norteada pela perspectiva etnográfica - que envolve identificação, escuta, vivência e experimentação -, para a produção de dados, já que a interpretação antropológica passa necessariamente pela descrição etnográfica dos usos individuais e coletivos de objetos materiais (GONÇALVES, 2007), as visitas de campo foram feitas a julgamentos dos acusados da Chacina e em manifestações contra violência urbana, onde os familiares do caso reivindicaram justiça com cartazes e objetos das vítimas. Posteriormente foi feito um contato inicial e um levantamento de famílias que se dispõem à pesquisa.

Em seguida, foram feitas visitas sistemáticas as casas das famílias e, posteriormente, com o intuito de saber como os familiares se relacionam com os objetos dos entes falecidos, e o ponto de vista dessas quatro famílias sobre o evento crítico, realizamos entrevistas semiestruturadas⁵ com gravador, para registro de áudio da fala dos familiares, e câmera, para registro visual dos objetos, com perguntas de cunho museológico que as provocavam a pensar sobre a seleção, o descarte, e a exposição dos objetos pela casa.

Norteado pela ideia de Geertz(2005) de que a etnografia tem que ter fidelidade aos fatos, e que se deve convencer o leitor de “se houvéssimos estado lá, teríamos visto o que viram, sentido o que sentiram e concluído o que concluíram” (GEERTZ, 2005, p. 29), optamos no capítulo seguinte separar cada família, começando de acordo com a ordem das entrevistas e a ordem em que nos conhecemos, usando de suas falas como elementos do texto, sendo elas as protagonistas de suas histórias e relatos, e nós como ouvintes dessas dessa tragédia.

APRESENTANDO AS FAMÍLIAS E OS OBJETOS.

Vanda (Irmã da Vítima) e David (Cunhado da Vítima).

Vítima da Chacina: Arlesonvaldo Mendes (Apelidado de Jarrão), 37 anos.

Bairro do acontecido: Marco.

⁵ Na segunda parte da pesquisa, durante a realização das entrevistas semiestruturadas, juntou-se ao projeto o Núcleo de Experimentação Cinematográfica (NEC) do curso de Cinema da UFPA, com intuito de criarmos, juntos, um Documentário sobre o evento e a relação dos familiares com objetos pertencentes as vítimas. O documentário intitulado de “É o Que Eu Guardo Dele”, foi exibido para os familiares das vítimas, e com o aval dos mesmos, houve a divulgação do trabalho.

A primeira entrevista foi feita com a família de Arlesonvaldo Mendes, apelidado de Jarrão. Os entrevistados foram o casal Vanda e David, respectivamente irmã e cunhado da vítima. Eles são moradores do bairro do Marco, local onde Alersonvaldo foi baleado, e vivem em uma pequena casa de madeira com apenas 2 cômodos no fundo de um terreno de família.

Jarrão tinha um problema cognitivo, que, de acordo com o relato de Vanda e de David, era uma pessoa de 37 anos com mentalidade de uma criança de 12, inclusive ainda estando no ensino fundamental. Apesar de Jarrão morar com a mãe, Vanda tomou a frente da militância por justiça, já que os outros familiares não podiam e, para ela, é um modo de ficar “resolvida” com seu irmão:

Não queria que minha mãe estivesse na frente, ela não iria aguentar. Ela só de ver a situação da morte do meu irmão, ela já ficou abatida. Ela não vive, ela sobrevive. (...). Não tinha como deixar ela na frente. Os meus outros irmãos, eles trabalham. Tinha que ser uma pessoa que tivesse disponível pra lutar. Então disse assim: ‘Então eu vou!’ (Vanda)

Muitos dos objetos que pertenceram à vítima estão na casa de Vanda. As roupas foram distribuídas entre os irmãos e alguns professores que gostavam dele. Depois de uns dias, Vanda mexeu no guarda roupa de Jarrão e encontrou uma Bíblia, e dentro dela uma foto de seu casamento com David. Para ela foi impactante, pois nem sabia que o irmão guardava aquilo, percebendo o carinho que o mesmo tinha com a família e com as suas coisas, devido a isso, Vanda guardou esses objetos e usa para compor uma narrativa de memórias particulares.

Para a sua mãe foi difícil descartar das coisas dele, via como um momento de entender definitivamente que ele não estava mais lá. Miller (2010) diz que somos constituídos de materialidade, logo, a vítima estava presentificada em suas roupas, por isso, para a mãe, foi difícil se desfazer de uma parte dele. Por fim, ela ficou com uma blusa, algumas fotos e uma bermuda. Bermuda essa que, de acordo com Vanda, era uma peça que ele vivia usando, e, por estar muito usada, surrada, a mãe brigava para que ele jogasse fora, mas ele se negava, pois gostava muito daquela vestimenta. Depois da morte da vítima, a mãe acabou tomando a bermuda para si, para lembrar dele, já que essa vestimenta era um rastro do filho, que a fazia ficar mais próxima dele (BENJAMIN, 2006).

Como a casa de Vanda e David é uma pequena, as roupas de Jarrão ficam no guarda roupa da família. Acessadas só quando preciso. Por exemplo, quando vão para a exposição: “É difícil tocar no nome dele, até mesmo olhar as coisas dele, porque vem toda a lembrança novamente” (Vanda).

As cartas, um CD evangélico que ele escutava e algumas fotos antigas, estão guardadas em uma escrivaninha onde fica a Televisão. As cartas são lidas raramente por

Vanda com o intuito de lembrar o quão ele era querido, fazendo parte da narrativa particular. O CD também é ouvido algumas vezes por ela para se lembrar do irmão. Nota-se que os objetos que exaltam que a vítima era uma pessoa da igreja e querida por amigos. Nesse caso, essas memórias são testemunhos, o que Seligmann-silva(2005) diz ser fragmentos do passado que criam um nexos, um contexto, e que Halbwachs (2013) também fala ser algo que tem por sentido reforçar o que sabemos de um evento, para isso os objetos foram guardados, com pretensão de criar uma narrativa que demonstra que ele era uma pessoa era uma pessoa cristão e querida por amigos, pois, de acordo com os familiares, esses testemunhos comprovam que a vítima era uma pessoa de bem, afastando da visão que as famílias acusam a mídia de impor, de que as vítimas eram bandidos.

Vanda diz que guarda o atestado de antecedentes criminais do irmão, que atesta nenhum envolvimento do irmão em irregularidades criminais, para provar que a vítima era inocente e não era bandido. Ou seja, esses objetos são provas. Meneses (1998) diz que um objeto que contém informação torna-se documento, por isso, por serem fontes informacionais sobre a inocência da vítima, para as famílias esses objetos são documentos que atestam contra essa visão da mídia.

Grandes partes das fotos foram digitalizadas para que não fossem perdidas, e ficam armazenadas no notebook de David. Essas fotos foram impressas e colocadas em cartazes juntos com jornais com notícias da Chacina e em Banners feitos para a militância. Alguns ficam expostos pela casa, outros guardados. No notebook de David são guardadas também Prints de notícias online que falam sobre o caso. Apesar desses objetos não conviverem com Jarrão, eles têm o mesmo cuidado e importância para os familiares assim como os que conviveram com a vítima.

A relação de David com o cunhado não era íntima, como ele relata na entrevista, contudo, o sentimento de revolta, de impotência, é o que dá forças para ele continuar ajudando sua esposa, agora não só como companheiro, mas como militante também.

A desconstrução dos estereótipos de moradores da periferia e como os mesmos são tratados é bastante relatada por eles:

O governador simplesmente até hoje nunca sequer chegou com as famílias pra conversar. O que ele fez foi, no mesmo dia, dizer que estavam na hora errada: 'local de periferia, tinha que tá dentro de casa', ou seja, só porque nós moramos em periferia, somos bandidos. Porque somos pobres e temos necessidade de estar roubando, isso que ele quis dizer. Enquanto o pessoal lá da elite, não. Eles podem andar a hora que quiser na rua. A gente não podemos. (David).

Devido a isso, os familiares das vítimas da Chacina, junto com o grupo Tela Firme, fizeram uma exposição itinerante intitulada de *Choram os Cravos do Novembro*, que percorre os lugares de Belém com objetos das vítimas reivindicando justiça. Os objetos de Jarrão que vão para a exposição são as cartas dos amigos da Igreja, a camisa verde escrita “Exercito de Deus”, seu uniforme escolar e alguns cartazes com fotos da vítima feitos depois de sua morte. Esses objetos foram aqueles selecionados que diferiam sobre a percepção que a mídia teve sobre as vítimas, contudo, agora expostos na exposição, esses objetos falam de uma narrativa sobre a periferia, buscando quebrar um preconceito que se tem sobre ela, como exemplificado na fala de David. Os cartazes apesar de terem sido criados, por levantarem memórias das vítimas, são os testemunhos (SELIGMANN-SILVA, 2005; HALBWACHS, 2013) que ajudam na reivindicação de justiça e na quebra desses estereótipos.

Meire (Tia da Vítima) e Andréia (Mãe adotiva da Vítima).

Vítima da Chacina: Bruno Gemaque, 17 anos.

Bairro do acontecido: Terra Firme.

A segunda família entrevistada foi a de Bruno Gemaque, 17 anos. Foram entrevistadas Meire, a tia, e Andréia, mãe adotiva. A conversa se deu na casa de Meire no bairro da Terra Firme, periferia de Belém onde a vítima foi alvejada, já que era onde Bruno morou durante toda a sua adolescência até sua morte. Andréia o criou desde os 4 anos até ser mandando para Belém para morar com a tia.

Bruno tinha ido buscar sua namorada na escola quando na volta fora abordado por 5 homens encapuzados em motos, que o puxaram da bicicleta e o mataram sem dá oportunidade do jovem falar alguma coisa. Logo depois, mandaram a namorada, que presenciou tudo, ir embora sem olhar para trás.

A tia ouviu os tiros, e logo após, seu filho chegou anunciando que atiraram no Bruno. A mãe chegou um dia depois do evento, quando o corpo já estava no Instituto Médico Legal.

Na descrição dos familiares, Bruno era uma pessoa alegre, família, bondosa e de trabalho. Trabalhava em uma Kombi de transporte alternativo. Desistiu dos estudos, pois não conseguiu conciliar com o trabalho. Meire, a tia, é a que vai nos atos, nos julgamentos, que participa da militância, já que a mãe de Bruno mora distante.

Como a vítima tinha duas casas, a da mãe que mora no interior onde ele morou quando criança e a casa em Belém onde morou quando adolescente até sua morte, os objetos ficam divididos nesses dois polos. Andréia, a mãe, tem roupas, fotos e objetos pessoais que ele

deixou no interior. Essas coisas ficam sob sua tutela e ela decidiu o destino depois da morte. Andréia relata que algumas coisas de lá foram doadas para o primo da vítima, e que guarda aquilo que mais lembra Bruno.

Meire diz que guarda poucas coisas; algumas roupas, documentos e fotos. Mandou a maioria das coisas para o interior, para a casa de Andréia. Também relata que guarda a lembrança de Bruno. Ela tem outro sobrinho que herdou muitas coisas por ter o mesmo tamanho da vítima.

Os objetos de Andréia ficam na gaveta do seu guarda roupa, em sua casa, e são acessados só para fazer limpeza: “De vez em quando, quando eu vou limpar o guarda roupa, eu limpo. Tiro de lá, dobro de novo, coloco lá. Assim... (chorosa)”. Nota-se que, como nossas roupas estão impregnadas de memória, exemplificado no livro “O casaco de Marx”, (STALLYBRASS, 2009), atos simples, como o de mexer nos objetos, se tornam forte lembranças de dor já que remetem a Chacina, e conseqüentemente, a ausências.

Meire relata que acessa fotos de Bruno com frequência, para lembrar do ente querido. Mas mesmo assim existem algumas fotos que não são acessadas. Diz que olha bastante para fotos dele quando criança, quando adulto ela prefere guardar, e só acessa quando for para as manifestações. Para Miriam Moreira Leite (1993, p. 137), “a leitura da imagem é feita a partir de experiências acumuladas anteriores que se desdobram na memória, diante da imagem presente”. Baseado nisso, vemos que a imagem de Bruno adolescente está ligada a experiências da Chacina, enquanto que a imagem dele quando criança está ligada a uma experiência familiar. Por isso ela usa as fotos dele quando criança no âmbito doméstico, já o que ela quer lembrar é essas experiências familiares, enquanto a que remetem a Chacina ela usa quando precisa suscitar experiências sobre o evento.

Por guardarem as coisas que mais lembravam dele, grande parte são roupas que ele mais usava. A entrevista foi feita na casa de Meire, onde na sala tem uma estante com algumas fotos e cartazes do Bruno, e alguns objetos. Andréia trouxe do interior algumas roupas e colocou na sala também. A casa, além da exposição da Chacina, também é um espaço para expor esses objetos, é uma exposição particular que conta um pouco da personalidade da vítima, e por isso, suscita experiências familiares, com isso, os objetos selecionados foram, em sua grande parte, os que trazem essas experiências. Contudo, na sala há também fotos de Bruno adolescente, que, como visto anteriormente, suscita a experiências sobre a Chacina. Elas vão para os eventos que reivindicam justiça, e quando voltam ficam na casa, mas continuam ligada a Chacina. Elas servem para expor para visitas a versão dos familiares sobre o caso. Elas participam de uma exposição mais geral e também de uma mais particular.

Assim como a família de Arlesonvaldo, a família de Bruno também fala na entrevista como a mídia e a sociedade tratam o caso e sobre violência urbana, principalmente na periferia:

E a gente hoje em dia sente muita revolta de alguns apresentadores, né. E principalmente do governo que não fez nada, e não tá fazendo nada por isso, né. Se a gente tamo chegando até onde a gente tamo, é esforço nosso. E então, assim, a gente fica muito revoltado com isso, né, de tarem sujando a imagem da nossa família, dele, né.(...) Tem apresentador que fala: ‘Ah! Porque depois que morre vira santo’, mas não é o caso, é porque ele não era a pessoa que eles falam que é, né. (...). Mas podem procurar em qualquer canto, em qualquer delegacia, que meu filho não tinha passagem pela polícia. Ele não tinha. Então pra gente é muito duro. (...)
É constante. Aconteceu a chacina, mas isso não parou. Continua ainda, né. Continua matando jovens da periferia. Pessoas pobres, né. Pessoas negras. E jovens que na maioria são trabalhadores. Às vezes não deve nada pra polícia. Não deve nada pra justiça. (Meire)

Para exposição feita junto ao grupo Tela Firme, Meire leva as roupas que ele mais usava e alguns cartazes feitos com fotos da vítima adolescente, nome da vítima, algumas frases e símbolo do time que lembram Bruno. Meire disse que a exposição teve muita repercussão e isso foi muito bom, já que via muita gente reconhecendo o sobrinho através de seus pertences e que nem sabiam que ele tinha morrido. Estes visitantes falavam que a vítima era uma pessoa boa, brincalhona, que não tinha relação com o crime, corroborando com a narrativa que a tia fez sobre os objetos.

Por fim, Meire disse em uma de suas falas que irá até o fim na luta por justiça. Apesar de ser muito doloroso para ela as lembranças do caso, é muito mais revoltante saber que não tem ninguém preso pelo que fez com seu sobrinho. Como lembra Moreira (2005), a representação seletiva do passado se dá a partir do contexto que o indivíduo está inserido, por isso, devido à grande indignação que os familiares têm do caso, a vontade de justiça prevalece a memória dolorosa do evento.

Auxiliadora (Avó da Vítima)

Vítima da Chacina: Eduardo Galúcio Chaves, 16 anos.

Bairro do acontecido: Terra Firme.

Eduardo estava perto de sua casa, tinha ido fazer compras com a namorada quando homens em motos chegaram e o mataram. Dona Auxiliadora, avó, chegou logo depois de ouvir os tiros, e quando viu o corpo do neto no chão, desmaiou.

Eduardo morava com seus avós por parte de mãe. Fora criado por eles desde bebê, por isso sua avó era sua figura materna. Dona Auxiliadora diz que ele era uma pessoa muito meiga, legal; era seu companheiro. Um rapaz que, apesar de ter grande vontade de ter roupas de marcas, nunca exigiu isso de seus avós, sabia que os mesmos não tinham condições. Por isso, começou a trabalhar bem jovem para ter as coisas que queria. Vendia churrasco nos fins de semana em frente de casa, e algumas vezes trabalhava com um conhecido fazendo entrega em uma Kombi. Eduardo tinha o sonho de ser marinheiro ou polícia militar. Tinha um sonho também de ter uma moto um dia.

Dona auxiliadora guarda muitas coisas do neto, desde que era bebezinho. Boletins escolares, roupas, documentos, instrumentos musicais, fotos e outros. Ela afirma que guarda até o umbigo (cordão umbilical) dele. Depois da morte de Eduardo, Auxiliadora não se descartou de muita coisa. Disse que deu as roupas, ficando apenas com algumas fardas e as roupas que ele usava para dormir. Essa última ela deixa, algumas vezes, em cima da cama e vê Eduardo arrumado, pronto para dormir. Como dito por Nora (1993), a memória se faz nos gestos, no caso, a recriação da cena seria uma forma de presentificar o neto.

Dona Auxiliadora também doou o seu vestido que usava no dia da Chacina, pois o fazia lembrar de tudo o que aconteceu no dia do evento, como ela diz. Lembrando Stallybrass (2000), o objeto está impregnado de memória, contudo, nesse caso, como o objeto pertencia a ela, ele não lembra o neto, apenas remete a memória dolorosa da Chacina.

Ela sabe onde está tudo. Boa parte fica no quarto que seria de Eduardo, ainda em construção. No guarda-roupa ficam guardados principalmente as fotos e os documentos. Todos em pastas a seu modo organizadas. É uma forma de ter controle do acervo. Os objetos, são acessados frequentemente para lembrar do neto, principalmente as fotos, servindo para uma narrativa familiar.

Eduardo fazia parte dos escoteiros e tinha um uniforme com emblemas do grupo. A professora de Eduardo pediu que doassem o uniforme, Auxiliadora se recusou, pois disse que um dia iria precisar. Como solução, ela doou somente os emblemas. Disse também que doou um outro uniforme do escoteiro, pois, apesar de querer ficar para si, guardado, ele estragaria. O mesmo procedimento foi feito com as flautas de Eduardo. Para que não ficassem guardadas, algumas flautas foram doadas, restando apenas uma, a mais cara. Nesse caso, as flautas, junto com um pandeiro, representavam a mesma memória de Eduardo, sobre seu dom musical. Por isso, descartou as outras flautas, já que havia mais de um objeto sobre o mesmo fato. Também foi guardado a bíblia de Eduardo, já que ele era muito apegado a religião evangélica e nunca deixava de dar o dízimo, como afirma a avó. Para os familiares, esses

objetos desvinculam a ideia de bandido que colocaram nas vítimas, são os Testemunhos (SELIGMANN-SILVA, 2005; HALBWACHS, 2013), por isso foram guardados, servindo tanto para uma recordação familiar quanto para demonstrar a versão dos familiares sobre o caso.

Auxiliadora, assim como as outras famílias entrevistadas, também reflete sobre violência urbana: “Porque estamos nesse Pará aqui, nesse mundo aqui, nós não sabemos quando a gente sai, não sabemos mais se volta, se entra dentro de casa. Não pode ficar na frente de casa. Não pode mais colocar uma venda, porque a hora e momento nós estamos sendo morto por essas pessoas” (Auxiliadora).

Auxiliadora tem ainda o celular da vítima, mas antes de o ter no acervo, a polícia fez perícia, “Ninguém quis levar no dia, que jogaram lá perto dele. Eu tenho o chip e isso aqui (celular). Passou uma semana, um mês na mão da polícia. Eu dei porque o meu filho não era ladrão. Deixei pra eles fazerem perícia. E eu guardo ele” (Auxiliadora). O celular, assim como o atestado criminal de Vanda, é fonte informacional, e conseqüentemente, documento (MENESES, 1998).

No dia da entrevista, os objetos da exposição *Choram os Cravos do Novembro*, um manequim com marcas de balas, alguns cartazes produzidos pelas famílias, recortes de jornais com reportagens sobre a Chacina, e um banner grande com fotos de todas as vítimas, usados tanto na exposição como em protestos, estavam depositados neste quarto desocupado, à espera da próxima manifestação em ocasião, o julgamento de um dos policiais envolvidos no caso. Esses objetos saíam da casa da Auxiliadora para frente do fórum, onde as famílias protestariam em busca de justiça.

Auxiliadora relata que enquanto os objetos da exposição estavam ali em sua casa, ela abraçava o manequim para lembrar do neto. Maurice Halbwachs(2013) diz que para recordar algo é preciso que nosso pensamento esteja em conjunto com os pensamentos dos outros membros do grupo, e que a rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedade múltiplas em que estamos envolvidos, ou seja, aqueles objetos na exposição ao representarem todas as famílias, sendo um acervo de uma memória coletiva, acabam-se tornando também acervos particulares, servindo também para uma recordação particular. Por isso os cartazes com fotos das vítimas que foram feitos para as manifestações são tão importantes quanto os objetos que pertenciam as vítimas, pois ambos carregam memórias dos familiares.

Suzana (Mãe da Vítima)

Vítima da Chacina: Márcio Rodrigues, 22 anos.

Bairro do acontecido: Tapanã.

Márcio chegava do trabalho com dois amigos em uma moto por volta da 1 hora da manhã no Tapanã, bairro onde seus avós moram. Primeiramente estranharam a rua deserta, e logo após passarem por uma viatura, cruzaram com duas motos no caminho. Os motociclistas o seguiram, e já na rua da casa de seus avós, foram alvejados por esses homens. Márcio foi o único atingido e acabou morrendo na hora.

A vítima trabalhava em uma churrascaria na Av. Doca de Souza Franco, local considerado como de elite na cidade de Belém, onde, de acordo com a sua mãe, Suzana, “pobre só vai se for empregado”. Também de acordo com ela, o filho não sabia dos boatos que estavam sendo divulgados pelas redes sócias, pois, ao entrar na Doca, ele não estava mais em seu mundo, não sabia nada o que acontecia na periferia. Algumas câmeras próximas ao local do acontecido filmaram as motos perseguindo Márcio e seus amigos. As filmagens posteriormente foram divulgadas nos jornais locais.

Suzana relata seu filho como um rapaz bondoso, trabalhador, alegre e “moleque”. Tinha muitos amigos. Ia sempre em festas da periferia da cidade. Gostava da aparelhagem *Búfalo do Marajó*. Márcio tinha um grupo conhecido como Os Megas Camaradas, que eram amigos que iam nas festas de aparelhagem e enchiam uma piscina inflável infantil com gelo e cervejas.

Os Megas Camaradas também faziam eventos sociais com crianças. Depois da morte do filho, Suzana tomou a frente do projeto. Márcio era conhecido como Marcinho Pitbull por usar roupas da marca *Pitbull*. Ele cursava administração, mas queria fazer gastronomia. Suzana foi a responsável por mobilizar as outras mães. Diz que fez isso em busca de respostas. Ela relata que morreu no dia 7 de novembro, dia que enterraram o Márcio. Quando o caixão desceu, ela desceu junto. E renasceu no dia 10 de novembro, um domingo, quando olhava para toda a família e via todos jogados, sem entender o que tinha acontecido. Havia um silêncio pela casa. Viu que alguém tinha que saber o que aconteceu, e, como os avós não davam conta, e o marido trabalhava viajando, ela, como mãe biológica, tinha que ser essa pessoa que ia atrás de respostas. Neste dia, seu outro filho trouxe o jornal com um mapa com os locais de mortes, onde tinha o nome dos bairros, sem as ruas. Ela se levantou e foi indo de endereço em endereço em busca das outras famílias que sofreram com a Chacina. O contato com as outras famílias foi difícil, segundo ela, pois ninguém queria falar sobre. Tinham medo.

Suzana foi o que Nora (1993) chamou de pessoas- memórias: indivíduos responsáveis por trazer a memória à tona quando ela não está sendo vivida coletivamente, está sendo esquecida e que, por isso, convenceu as outras famílias à buscarem justiça. Se juntaram posteriormente e tiveram uma audiência pública com o Governador do Estado, onde o mesmo disse que quem morreu foi bandido, o que abalou muito os familiares. De acordo com Suzana, eles, o Governo, tentaram colocar que a Chacina foi algo normal e que aconteceu apenas nos bairros da Terra Firme e do Guamá, devido a isso, ela deu o nome de Chacina de Belém, já que as mortes foram em muitos bairros e o evento afetou a cidade toda. Suzana diz que depois disso é outra pessoa, e que agora o espírito de Márcio vive nela.

Após a morte do filho, Suzana chamou os amigos e disse para eles levarem o que quisessem, e o que sobrasse ela iria guardar. Ela ficou com umas roupas da *Pitbull* e uma camisa do time de futebol que ele jogava. Os bonés foram dados a um grande amigo do filho, e os que sobraram ficaram para o pai. Vinícius, o irmão da vítima, ficou apenas com uma bermuda para lembrança. O boné sujo de sangue do dia da Chacina junto a camisa furada da bala e a sandália, foram recuperados na polícia por Suzana, já que, para ela, tudo custou o suor do filho, e se fosse para jogar fora, ela queria fazer, ela que tinha esse direito.

Suzana mandou também algumas peças de roupa para eles, como o uniforme de trabalho e o som que o filho gostava muito de usar e que Suzana não queria mais que ficasse na sala de sua casa. Primeiramente, essas peças ficaram em sua casa, mas como o avô sempre quando visitava a casa de Suzana pedia para ficar olhando as coisas do neto, ela resolveu dar para ele. Os documentos de Márcio também foram mandados para a casa dos avós. A cama dele foi tirada do seu quarto e colocada no quarto de Suzana. Ela tem algumas fotos em retratos nas estantes da casa. Contudo, ela tem muitas fotos em seu celular e no Tablet que ele deixou. No Tablet, além das fotos, têm as conversas no aplicativo de mensagem Whatsapp. A polícia levou o Tablet e o celular para investigação na época da Chacina e depois devolveu. Suzana o guarda pois ele se tornou um documento a partir que demonstra a inocência do filho (MENESES, 1998).

O celular de Suzana tem como fundo de tela a foto do filho, e só muda se for por outra foto dele. Suzana diz que acessa as fotos todos os dias:

Todos os dias. Isso é um alimento, sabia?! Pra mim é um alimento. Não tem assim, dizer assim mesmo: “Ah, não vou olhar aquilo lá”. Não, não consigo não olhar as coisas do meu filho. E eu já falei pro Vinícius: ‘Vinícius, se eu morrer, acho que vão ter que por tudo dentro do meu caixão. Quero levar’ (Suzana).

Por isso as fotos do perfil do Facebook de Márcio foram salvas, e toda semana depois da morte do filho Suzana postava no perfil da vítima uma foto com uma frase da bíblia. Isso continuou durante 1 ano, e depois desse tempo as postagens começaram a ser mensais. Nesse caso, assim como visto anteriormente nas diversas notícias que David guarda em seu notebook sobre o caso, nota-se que os documentos digitais também se tornam objetos que remetem a vítima, fazendo parte do acervo, por isso, assim como os objetos materiais, eles também são expostos, no entanto, aqui, eles participam de uma exposição virtual que Suzana faz para os amigos de Márcio no Facebook.

Suzana tem vários CDs de festas em que Márcio foi, e escuta para ouvir os DJs anunciarem o nome do filho nas aparelhagens. O conteúdo dos CDs foi posto em um pen drive para ser preservado, e que o pai leva para ouvir nas viagens que faz a trabalho.

A moto de Márcio foi usada apenas por seu irmão que posteriormente sofreu um acidente, depois disso ela ficou guardada. O pai tentou vender, mas Suzana não deixou. Ela não quer que venda e nem que seja usada. Em uma de suas falas ela diz querer que o som e moto se estraguem, pois, para ela, a moto não remete ao filho, já que ela não gostava que ele dirigisse, e o som lembra muito ele.

O tratamento que as pessoas da periferia têm no que tange política pública de segurança e o estereótipo que os foi colocado é bastante recorrente em seus discursos:

Então não prende mais ninguém, sai matando, desce na periferia e sai matando. Eu quero alguém que me faça entender de uma outra lógica. Sinceramente. Porque eu não consigo ver esse conceito de segurança(...) Embora eles pensam que não tem, mas tem na periferia gente de boa índole, que trabalha, que estuda, que faz faculdade, não é todos, não pode generalizar todos, porque eles diziam assim “porque tava com tatuagem, roupa de marca, não sei o quê”. Roupa de marca ele sempre usou, porque ele sempre gostou. Se eu for te buscar para ti ver as roupas, você não vai achar nenhuma camisa comum, a não ser a farda de restaurante, as roupas dele todas eram Pitbull. Aí você julga uma pessoa porque tá vestindo, e sai matando!! (...) (sobre o governador do estado) acredita que quando eu estava no pleno cru da minha dor, virou pra mim e disse assim: ”não, talvez deve ser porque ele mora numa zona vermelha. E porque ele tivesse de boné, de camiseta de marca”(...) Ainda tem mais a sociedade. Aqueles que te olham com nojo. “Meu filho não rouba. Meu filho não faz isso”. Graças a Deus. Mas não se esquece que tu vai ter outra encarnação e a maldade tá crescendo. Hoje tu ignora, mas tu vai ter neto. (Suzana)

Por isso, Suzana guarda objetos que, para ela, descontroem esses estereótipos. Como os que vão para a exposição *Choram os Cravos do Novembro*, eles são testemunhos (SELIGMANN-SILVA, 2005; HALBWACHS, 2013) que servem para contar narrativas sobre o filho. A camisa do time que ele jogava que era parte do projeto social dos Megas Camaradas mostra que a vítima era uma pessoa solidária; as roupas da marca *Pitbull* demonstram que julgar uma pessoa pela roupa é uma atitude preconceituosa.

REFLEXÕES MUSEOLÓGICAS ACERCA DE UMA ESPÉCIE DE MUSEALIZAÇÃO.

Como visto, a seleção dos objetos pelos familiares liga-se a 3 grandes narrativas: 1. A narrativa familiar, cujos objetos falam sobre a experiência mais subjetiva, parental, das lembranças da vida familiar; 2. A narrativa específica da Chacina de Belém, cujos objetos falam sobre a versão da família do evento; e a 3 mais geral, uma narrativa ligada à realidade social, cujos objetos falam sobre a violência e a experiência urbana da periferia que se conecta com a coletividade que partilha da mesma experiência. Porém, os objetos não são exclusivos de cada narrativa. Eles também tangenciam todas as outras.

Os objetos deixados pelas vítimas fazem parte do jogo de esquecer e de lembrar que constitui a ideia de memória. Memória familiar, memória sobre o evento, memória sobre a periferia, etc. O historiador francês Pierre Nora (1993) define a memória como algo vivo, e, quando uma lembrança não está em nossa memória, é necessário criar suportes para rememorar-la, o que ele denomina de “lugares de memória”. Ou seja, criamos suportes para que aquilo ainda esteja em evidência, pois, “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (NORA, 1993, p. 9). A morte violenta impacta nos acervos deixados e nos objetos criados, que se tornam esses suportes de lembranças, representando/materializando narrativas sobre o familiar morto, sobre a chacina, e a periferia, eles seriam objetos de memória, os patrimônios “que operam na relação simbólica entre algo que se vê, e algo que se deseja ver, mas que está ausente” (BRULON, 2012a, p. 63).

Ou seja, eles têm um poder de fala que remete ao filho, a Chacina, e a periferia. Apresentam uma outra perspectiva, diferindo da visão que a mídia e a população têm sobre os casos, como as próprias famílias pontuam. Eles são provas, documentos que contestam a memória que foi aceita pela sociedade, o que Pollack (1989) chamou de memória oficial.

Logo, se há um potencial evocativo nesses objetos, um valor que Stránský chamou de musealidade.

A definição de Stránský sobre musealidade é citada por Klaus Schreiner: “um valor documentário específico dos objetos concretos e perceptíveis da natureza e da sociedade, o valor da evidência autêntica da realidade ” (SCHREINER, 1980, p. 39).

Maroevic (1997) vê a musealidade como a característica de um objeto material de documentar uma realidade. Ou seja, através da significação, ele passa carregar valor imaterial, tornando-se documento.

Tereza Scheiner diz que a musealidade “é um valor atribuído a certas ‘dobras’ do Real, a partir da percepção dos diferentes grupos humanos sobre a relação que estabelecem com o espaço, o tempo e a memória, em sintonia com os sistemas de pensamento e os valores de suas próprias culturas. E, portanto, a percepção (e o conceito) de musealidade poderá mudar, no tempo e no espaço, de acordo com os sistemas de pensamento das diferentes sociedades, em seu processo evolutivo” (SCHEINER, 2012, p. 18)

Baseando nas concepções anteriores, a musealidade seria uma atribuição de valor dada ao objeto, evocativa e documental, um valor não material que o permite a viver na esfera do simbólico (BRULON, 2012a), ou melhor, no universo museológico. Mas para se chegar a isso, ele deve ser musealizado (MAROEVIC, 1997).

O processo de musealização foi conceituado por inúmeros autores. Introduzida por Stransky, a palavra musealização foi tida pelo autor como o processo de adquirir musealidade (STRÁNSKÝ, 2005 apud BARAÇAL, 2008), já que, com a musealização, os objetos passam a ter valor documental.

Cristina Bruno diz que musealização são conjunto de procedimentos que possibilitam que o patrimônio se transformem em herança, na medida em que são alvo de preservação e comunicação (BRUNO, 2009). Marília Xavier Cury (1999, p. 50) parte do “pressuposto de que a musealização é valorização de objetos”, com início na seleção e findando na comunicação expográfica. E, baseando em Cristina Bruno, Cury discorre que a musealização perpassa por diversas etapas: “ aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação” (CURY, 2005, p. 26).

Os acervos da Chacina, em suas particularidades, perpassam por essas ações. A aquisição é o ponto inicial do processo, que se dá a partir da valorização dos objetos, selecionando-os para integra-los a uma coleção. Etapa essa em que ocorreria uma “ação consciente de preservação”, seria o que Mário Chagas chama de “olhar museológico”, que nos faz “estranhar o doméstico, o familiar, e passar a perceber os bens culturais como

documentos, testemunhos, fontes de informação, suportes para questões” (CHAGAS, 2009, p, 68), o que aconteceu nos acervos das famílias da Chacina, a partir da escolha do que foi dado e o que foi guardado.

A segunda etapa do processo que Cury percorreu é onde o objeto será salvaguardado para que seja transformado em documento, o que Meneses (1994) atribui como o eixo da musealização. A conservação no caso do acervo da Chacina tem como intuito preservar os objetos para que as memórias sejam salvaguardadas, com isso, baseando-se na ideia que a preservação é a manutenção do vivido (BRULON, 2012a), o foco está na manutenção/sobrevivência das narrativas (Idem, 2012), para que as memórias contidas nos objetos sejam salvaguardadas. A preservação nesse caso extrapola a forma física do objeto; preservando o inteligível (LIMA, 2012). Os objetos póstumos, construídos pelos familiares, são exemplos dessa manutenção/preservação. Cria-se objetos para que as narrativas dos familiares ainda estejam em evidência, vivas, já que a memória é um processo vivo (NORA, 1993).

Na etapa final, a autora também aponta onde os objetos são valorizados pela 2ª vez, a 1ª como já foi visto é quando ele é selecionado para compor o acervo, aquisição; já a 2ª vez acontece quando ele é selecionado para associa-se a outro para compor uma narrativa através da exposição, comunicação. Cury se baseia novamente no conceito de musealização de Cristina Bruno que diz que a musealização é “o conjunto de procedimentos que viabiliza a comunicação de objetos interpretados (resultado de pesquisa), para olhares interpretantes (público), no âmbito das instituições museológicas” (BRUNO, 1991, p. 17 apud CURY, 2005, p. 27), ou seja, como dito por Brulon (2014), a musealização tem como intuito fazer o objeto gerar ressonância. Cristina Bruno, assim como outros autores, vê essas etapas acontecendo dentro de instituições, fora de seus contextos. Devalées e Mairesse (2013) conceituam a musealização com uma etapa de separação ou de suspensão, onde os objetos ou as coisas são separados de seu contexto de origem para serem estudados como documentos representativos da realidade que eles constituíam. Peter Van Mensch (1992) diz que a musealização retira o objeto de sua realidade para colocar em outra, o museu. No entanto, a partir da ideia de que o patrimônio é algo herdado que assegura a continuidade (BRULON, 2012a), pode-se dizer que os objetos da Chacina pertencem agora aos familiares, e estão suscetíveis ao uso feito por eles. Portanto, eles ainda estão em seus contextos de origem, e ainda estão em suas realidades, que é a realidade das famílias, e a realidade da periferia.

Os contextos das famílias e suas narrativas são essenciais para gerar ressonância através da exposição dos objetos, sejam elas nas casas dessas famílias, sejam elas na

exposição da Chacina. Os objetos interpretados foram selecionados conscientemente por esses familiares afim de escolher o que melhor representasse para o público o fato que se queriam demonstrar sobre o familiar, a chacina ou a periferia. Meire diz que pessoas reconheceram Bruno através desses pertences que foram para a exposição da Chacina. Diziam que sempre viam ele trabalhando na Van e concordavam com a narrativa da tia que dizia que a vítima era uma pessoa alegre e trabalhadora. Esse reconhecimento se deu através da seleção pelos familiares de Bruno; escolhendo roupas e objetos que identificavam a vítima. Brulon diz que “A ressonância não está ligada à abrangência das narrativas, mas aos múltiplos sentidos e significados que elas podem produzir” (BRULON, 2014, p. 244), ou seja, no caso do acervo da Chacina, os objetos na realidade das famílias, na realidade da periferia, potencializam as narrativas feitas sobre eles. Sem as narrativas dos familiares, esses objetos não remetem as vítimas, não remetem a Chacina e nem remetem a periferia para tratar sobre violência urbana. Por exemplo: Suzana diz na entrevista que algumas pessoas a aconselharam a vender o Som e a Moto de Márcio, já que como ela não usa aquilo para lembrar do filho, eles não participam de nenhuma narrativa, não geram ressonância, conseqüentemente, aparentam ter só valor de troca, valor econômico, e, por não serem usados como suporte para memória, não tem valor documental, por conseguinte, não tem necessidade de preservação. Isso se torna evidente quando notamos o tratamento que ela tem sobre eles, deixando-os a mercê do tempo, sem fazer uso dos mesmos.

Martin R. Schärer (2009) diz que os objetos sofrem mudanças de valores ao longo de suas “vidas”, podendo eles ganharem ou perderem funções. Alguns objetos da Chacina ganharam um uso simbólico, mas perderam seu uso utilitário, com é o caso das flautas, camisas, etc. Contudo, quando não é feito o uso simbólico, eles voltam ao seu uso utilitário. Auxiliadora viu que não precisava de mais uma farda que representasse uma mesma memória em seu acervo, por isso, doou o outro uniforme que ela não usaria, pois, de acordo com ela, ele precisaria ser usado. Ou seja, como a memória do neto não estava sendo potencializada por ela naquele objeto, o seu uso material, utilitário, foi mais forte que o simbólico. Alguns ganharam o uso simbólico e ainda conservam seu uso original. É o caso dos CDs das festas que Márcio fora. Eles ainda são usados para se ouvir músicas, contudo, eles agora também servem para que ela se lembre do filho, e ao mesmo tempo mostra o quão ele era querido, devido os DJs anunciarem seu nome na festa. O manequim da exposição *Choram os Cravos do Novembro* também demonstra isso. Ele é um objeto que foi concebido para ser utilizado como um simulacro de um ser humano, e cumpre essa função ao representar as vítimas mortas na Chacina e as mortes na periferia ao ter uma camisa com tinta vermelha que representa

sangue e furos que representam buracos de balas, mas quando está na casa de auxiliadora, ele lembra de Eduardo, por isso ela se abraçava a ele. Além de usuais, eles agora são também objetos simbólicos. Diana Farjalla Lima(2013) diz que a musealização altera a realidade (da coisa) ao estabelecer um novo contexto de existência, por isso, os objetos da Chacina ainda conservam o seu uso e contexto de origem, no entanto, ao ganharem o uso simbólico de representarem as narrativas, eles têm também um contexto museológico.

Esses objetos dependem dos usos que os familiares fazem deles. Voltando ao exemplo de Suzana, a moto e o som de Márcio têm valor simbólico e utilitário contidos ali, devido a isso, eles lembrarem Márcio, logo, ela não os descarta, mas como são memórias que ela não quer ressaltar, ela não as potencializa, não fazendo uso museológico.

Loureiro vê a musealização como “processos seletivos de caráter infor-comunicacional baseados na agregação de valores a coisas de diferentes naturezas às quais é atribuída a função de documento, e que por esse motivo tornam-se objeto de preservação e divulgação” (LOUREIRO, 2011, p. 2-3). Vanda, Meire, Dona Auxiliadora e Suzana, foram as responsáveis pela seleção e pela luta de justiça, através da exposição dos objetos feitos para militância, como os cartazes e as fotos, e a exposição dos pertences das vítimas na exposição *Choram os cravos do Novembro*, e em suas casas. Portanto, esses familiares são as responsáveis pelos processos infor-comunicacionais desses, agregando valor, atribuindo a função de documento, potencializando as narrativas feitas sobre esses objetos. Os familiares foram responsáveis por fazerem os objetos entrarem na esfera do simbólico, ao fazer uso deles como testemunhos que representam aquela realidade, entrando nas 3 narrativas pontuadas no início desse capítulo.

Como conclusão, nota nessas etapas em que os objetos da Chacina passaram que os familiares foram os responsáveis pelo processo de musealização ao verem o potencial dos objetos e ao transformarem eles em fontes documentais, colocando-os na cadeia museológica. A musealização no caso dos acervos dos familiares da Chacina é um processo que dá, a partir de um recorte feitos por grupos/pessoas, uma atribuição mágica ao objeto, fazendo ele viver na esfera do simbólico para salvaguardar as memórias que ele carrega, expondo-as através de narrativas de suas realidades com o intuito de gerar ressonância. A musealização tem com sentido de preservar e comunicar, e para isso, usa-se de diversas etapas para manter as memórias em evidência, como a seleção, aquisição, exposição, no caso da Chacina a criação de objetos, e entre outros. Em alguns casos, como demonstrado aqui, quando estes objetos estão em seus contextos, as narrativas feitas sobre eles são potencializadas, logo, preservar em seus contextos é um modo que mantém as memórias em evidência, salvaguardando-as e fazendo com que a ressonância se torne mais forte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, a partir de toda experiência e estudos que tive durante os 2 anos de pesquisa sobre a Chacina de Belém, a violência urbana, principalmente na periferia, e o modo como o assunto é abordado pela mídia e pela população da capital, reitero que os museus da cidade de Belém ainda não cumprem seu papel social de discutir os problemas da sociedade, não se mantêm como espaço de reflexão para falar sobre os conflitos sociais. Os museus estão mais preocupados em musealizar objetos inofensivos, que não contam histórias como a da Chacina de Belém, são cúmplices dos silenciamentos e das discriminações que certos grupos sofreram e sofrem na cidade. Os museus quando não falam de violência urbana mostram o quão longe estão da realidade social, só resta à Museologia entender que outros acervos, os domésticos, são mais potentes para pensar a vida real.

REFERÊNCIAS

BARAÇAL, Anaildo Bernardo. *Objeto da Museologia: a via conceitual aberta por Zbynek Zbyšlav Stránský* /. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins/Programa de Pós graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2006. 1167 p.

BRULON, Bruno César Soares. Magia, musealidade e musealização: conhecimento local e construção de sentido no Opô Afonjá. *Revista Musear*, Ouro Preto, v. 1, n. 1, p. 61-75. 2012a.

_____. Máscaras guardadas: musealização e descolonização. Tese (Doutorado em antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2012b.

_____. Novas tendências em Museologia: ressonância, agência e canibalismo. In: ACTAS DEL XXII ENCUENTRO DEL ICOFOM LAM : NUEVAS TENDENCIAS PARA

LA MUSEOLOGÍA EN LATINOAMÉRICA / 1A EDICIÓN ESPECIAL - Cidade Autónoma de Buenos Aires: ICOM Argentina, p. 240-259. 2014.

_____. Paisagens culturais e os patrimônios vividos: vislumbrando a descolonização, para uma musealização consciente. *Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - Unirio | MAST - vol.10, no1, p, 65-86, 2017.*

BRUNO, Cristina. Formas de Humanidade: Concepção e desafios da musealização. *Cadernos de Sociomuseologia, [S.l.], ISSN 1646-3714, v. 9, n. 9, 2009.* Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/293>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

CHAGAS, Mário de Souza. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade.* Chapecó, São Paulo: Editora Argos, 2006. 135 p.

_____. Millôr Fernandes e a Nova Museologia. *Cadernos de Sociomuseologia, ISSN 1646-3714 v. 2, n. 2. 2009.* Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/536>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

CURY, Marília Xavier. Museu, filho de Orfeu, e musealização. In: ENCUENTRO REGIONAL DO ICOFOM-LAM, 8. Coro, Venezuela. Anais, p. 50-55, 1999.

_____. *Exposição: concepção, montagem e avaliação.* São Paulo: Editora Annablume, 2005. 146 p.

DESVALÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia.* Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury, tradução e comentários. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013. 100 p.

GEERTZ, Clifford. *Obras e Vidas: o antropólogo como autor.* 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio*. Rio de Janeiro: Editora do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), 2007. 251 p.

GREGOROVÁ, Anna. La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée? *Museological Working Papers*. ICOFOM. Estocolmo, n.1, p. 19-21, 1980.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: 2ª ed. Ed. Centauro, 2013. 224 p.

HUYSEN, Andrea. *Memória do Modernismo*. Tradução Patrícia Farias. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996. 255 p.

LEITE, M. M. *Retratos de Família: Leitura da Fotografia Histórica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. 200 p.

LIMA, Diana F. C. Museologia-Museu e Patrimônio, Patrimonialização e Musealização: ambiência de comunhão. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. Belém, v. 7, n. 1, p. 31-50, 2012.

_____. Museologia, Campo disciplinar da musealização e fundamentos de inflexão simbólica: ‘tematizando’ Bourdieu para um convite à reflexão. *Museologia e Interdisciplinaridade*. Vol. 4, p. 48-61, 2013.

LOUREIRO, Maria Lucia N. M. “Preservação in situ X ex situ: reflexões sobre um falso dilema”. In: 3.º SEMINÁRIO IBEROAMERICANO DE MUSEOLOGIA, Madrid, Espanha, 2011. Disponível em: https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/11607/57448_16.pdf?sequence=1

LOUREIRO, João de Jesus dos Santos; FERREIRA JUNIOR, Sérgio do Espírito Santo; COSTA, Alda Cristina. Polícia, mocinhos e vilões: informalidade no Twitter: #ChacinaEmBelém. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38, 2015, Rio de Janeiro, RJ, 2015.

MAROEVIČ, Ivo. O papel da musealidade na preservação da memória. In: SIMPÓSIO ANUAL MUSEOLOGIA E MEMÓRIA. ICOFOM. Paris, Conselho Internacional de Museus/ICOM: Comitê Internacional de museologia/ICOFOM. 1997.

MENESES, U.T.B. de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. In: ANAIS DO MUSEU PAULISTA: HISTÓRIA E CULTURA MATERIAL. São Paulo: Museu Paulista-USP, v. 2. p. 9-42, 1994.

_____. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. Estudos históricos. *Revista Estudo Históricas*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-103, 1998.

MENSCH, Peter Van. Towards a methodology of museology. University of Zagreb: PhD thesis. Zagreb, 1992.

MESA REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE – 1972. *Cadernos de sociomuseologia*, v. 15, n. 15, Porto, p. 111- 121, 1999.

MILLER, Daniel. *Trecos, Troços e Coisas: Estudos antropológicos sobre a Cultura Material*; Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013. 248 p.

MOREIRA, R. N. P. História e Memória: Algumas Observações. *Revista História Catarina, Lages*. Santa Catarina, p. 66 - 69, 2011.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. p. 7-28. 1993.

PARÁ. Assembleia Legislativa Estado do. Comissão Parlamentar de Inquérito para apuração da atuação de grupos de extermínio e milícias no Estado do Pará: relatório final. Belém, Pará, 2015. Disponível em: <<http://www.movimentodeemaus.org/data/material/RELATORIO-FINAL-CPI-das-Milicias-versao-de-entrega-na-grafica3.pdf>>.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, p. 3-15, 1989

SCHÄRER, Martin. Things + ideas + musealization = heritage a museological approach. *Revista Museologia e Patrimônio*, v. 2, n. 1, Rio de Janeiro, p. 85-89, 2009.

SCHEINER, Tereza. Repensando o museu integral: do conceito às práticas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém, v. 7, n. 1, p. 15-30, 2012. Disponível em: <http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>.

SCHREINER, Klaus. Museology: science or just practical museum work? *Museological Working Papers*, 1. p. 39-41, 1980.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. *Projeto História*, São Paulo, p. 71-98, jun. 2005

STALLYBRASS, Peter. *O Casaco de Marx: roupas, memória, dor*. Rio de Janeiro: Ed. Autêntica. 2016. 112 p.

